



UFSM

ARTIGO MONOGRÁFICO

**A IMPORTÂNCIA DO CONTEXTO FAMILIAR NA EDUCAÇÃO DE UM
ALUNO COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO ENSINO
FUNDAMENTAL**

NAIDES FREITAS DE OLIVEIRA

PROESP/SEESP/CAPES/MEC/UFSM

São Borja, RS, Brasil

2007

**A IMPORTÂNCIA DO CONTEXTO FAMILIAR NA EDUCAÇÃO DE UM
ALUNO COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO ENSINO
FUNDAMENTAL**

por

NAIDES FREITAS DE OLIVEIRA

Artigo apresentado no Curso de Pós-Graduação em
Educação de Surdos e Déficit Cognitivo, do Centro de Educação da
Universidade Federal de Santa Maria em convênio com a Fundação
Áttila Taborda – URCAMP – Campus de São Borja/RS, como requisito
parcial para obtenção do grau de **Especialista em Educação Especial:
Déficit Cognitivo e Educação de Surdos**

PROESP/SEESP/CAPES/MEC/UFSM

São Borja, RS, Brasil

2007

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Pós-Graduação – Especialização em Educação
Especial: Déficit Cognitivo e Educação de Surdos**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Artigo
Monográfico de Especialização

**A IMPORTÂNCIA DO CONTEXTO FAMILIAR DE UM ALUNO COM
DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL**

elaborado por

NAIDES FREITAS DE OLIVEIRA

como requisito parcial para obtenção do grau de

***Especialista em Educação Especial: Déficit Cognitivo e Educação de
Surdos***

COMISSÃO EXAMINADORA:

Ms.Cleonice Machado de Pellegrini
Presidente/Orientadora

Ms.Aline Dubal Machado
Examinadora

Ms.Sabrina Fernandes de Castro
Examinadora

Dr^a Soraia Napoleão Freitas
Suplente

São Borja, RS, Brasil

RESUMO

Artigo de Especialização
Curso de Especialização em Educação Especial: Déficit Cognitivo e Educação de Surdos
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

A IMPORTÂNCIA DO CONTEXTO FAMILIAR DE UM ALUNO COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL

AUTORA: NAIDES FREITAS DE OLIVEIRA

ORIENTADORA: CLEONICE MACHADO DE PELLEGRINI

SÃO BORJA, RS

O presente artigo visa ao resultado de uma pesquisa realizada em nível do Curso Pós-Graduação Especialização em Educação Especial Déficit Cognitivo e Educação de Surdos. Nesse artigo, objetiva-se investigar o contexto familiar de um aluno do Ensino Fundamental com dificuldades de aprendizagem, a fim de entender se este influencia no processo de aprendizagem. Para melhor compreender a temática, realizou-se um estudo de caso, centrando a análise no contexto familiar do sujeito investigado, tendo como referenciais teóricos Vygotsky e Winnicott. No referido estudo, a análise centra-se no contexto familiar do sujeito. Sabe-se que a família é o primeiro intermediário entre a cultura e a criança, exercendo assim grande influência na sua aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Especial – Dificuldades de Aprendizagem – Contexto Familiar

ABSTRACT

Artigo de Especialização
Curso de Especialização em Educação Especial: Déficit Cognitivo e Educação de
Surdos
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

A IMPORTÂNCIA DO CONTEXTO FAMILIAR DE UM ALUNO COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL

AUTORA: NAIDES FREITAS DE OLIVEIRA

ORIENTADORA: CLEONICE MACHADO PELLEGRINI

SÃO BORJA, RS

The present article seeks to the result of a research accomplished in level of the Curso Pós-graduação Especialização in Education Special Cognitive Deficit and Education of Deaf. In that article, it is aimed at to investigate a student's of the Fundamental Teaching family context with learning difficulties, in order to understand this influences in the learning process. For best to understand the theme, he/she took place a case study, centering the analysis in the investigated subject's family context, tends as theoretical referenciais Vygotsky and Winnicott. In referred him study, the analysis is centered in the subject's family context. It is known that the family is the first middleman between the culture and the child, exercising like this big you/he/she influences in his/her learning.

KEY-WORD: Special Education – Difficulties of Learning – Family

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 DEFINIÇÃO DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM	10
2 HISTÓRICO FAMILIAR E ESCOLAR DE LUPITA	12
3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	19
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28
ANEXO	29

A IMPORTÂNCIA DO CONTEXTO FAMILIAR DE UM ALUNO COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL

Naides Freitas de Oliveira¹

INTRODUÇÃO

A família e a escola são os principais contextos do desenvolvimento do ser humano. São nestas instituições que a criança deve despertar o desejo e o prazer em fazer suas primeiras descobertas e iniciar suas aprendizagens. A construção do conhecimento deve ser um processo natural e espontâneo em todas as pessoas; porém no cotidiano escolar não é raro encontrar educadores preocupados com o elevado número de alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem.

As dificuldades de aprendizagem vêm sendo um desafio a todos os profissionais da educação, mas principalmente aos professores que se deparam diariamente com essa realidade em sala de aula.

Conforme Peretti e Belló (2006, p. 240): “A não ocorrência da aprendizagem implica em uma razão que deve ser rapidamente identificada para que a vida e o desenvolvimento não sejam prejudicados e sigam o seu curso normal”. Assim, é indispensável considerar o conhecimento que o professor deve ter ao propor ações pedagógicas.

Para Vygotsky (apud REGO, 1995): A aprendizagem só pode ocorrer em função do grupo social, na qual a criança está inserida, a partir da família – primeiro intermediário entre a cultura e a criança.

A aprendizagem e o relacionamento estão interligados desde o primeiro ano de vida da criança. O aprendizado começa muito antes de a mesma frequentar a escola, e qualquer situação de aprendizado com a qual a criança defronta-se na escola tem sempre uma história prévia.

Autores como Pain (1993), Fonseca (1995), Strick e Smith (2001), em suas pesquisas sobre a aprendizagem, mostram que este processo resulta de uma

¹ Aluna do Curso de Pós-Graduação do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria em convênio com a Fundação Áttila Taborda – URCAMP – Campus de São Borja/RS, em Educação de Surdos e Déficit Cognitivo.

complexa atividade mental, na qual estão envolvidos processos de pensamento, percepção, emoção, memória, motricidade, mediação, conhecimento prévio dos conteúdos estabelecidos, saúde física e mental, motivação intrínseca e extrínseca, maturação neurológica, inteligência, concentração ou atenção, etc. Esses fatores são fundamentais para que tal aprendizagem efetive-se com sucesso. No entanto, salienta-se que a falta de um desses fatores pode ser a causa das dificuldades de aprendizagem. Frequentemente, verifica-se que existe um número bem elevado de crianças que têm encontrado dificuldades, para acompanhar as exigências escolares, resultando em sucessivas reprovações e fracassos. Conseqüentemente a esses fracassos, surgem as desadaptações e com elas, a ansiedade e os problemas emocionais.

Com a frustração escolar continuada, pode ocorrer que os alunos abandonem a escola, ficando com o sentimento de que são cidadãos incapazes, e por isso, sentem-se excluídos da sociedade (PAIN, 1993). Nesse sentido, os maiores desafios ao educador devem ser os de ter consciência do contexto no qual está inserido para posicionar-se na sala de aula, como agente articulador da teoria com a prática a fim que cada estudante seja sujeito de sua própria história. Partindo desse pressuposto, conhecer a realidade do aluno significa conhecer sua realidade familiar, seus relacionamentos, sua história pessoal, sua experiência escolar anterior e os grupos sociais de sua referência.

A partir da perspectiva sócio-histórica, Vygotsky (apud REGO, 1995) dá enorme importância ao papel da interação social no desenvolvimento e aprendizagem do ser humano. Em virtude dessa realidade, pretende-se neste estudo investigar o contexto familiar de um aluno com dificuldades de aprendizagem no ensino fundamental, a fim de entender se este influencia no processo de aprendizagem deste aluno, bem como aprofundar os conhecimentos para saber como mediá-los no âmbito da sala de aula, tornando-a um ambiente inclusivo.

A escola inclusiva permite, na prática evidenciar o fundamento de que todas as crianças devem aprender juntas, com dificuldades ou diferenças que apresentam. Isso se reporta à elaboração de planos que reconheçam e respondam às necessidades de todos os alunos. Em outras palavras visa acomodar estilos e ritmos de aprendizagem, independentemente de suas condições físicas, sociais, lingüísticas ou outras (BAUMEL, 1998, p. 35).

Frente ao exposto acima, faz-se necessário que a escola repense suas práticas pedagógicas, investindo em todos os alunos, independentemente de suas necessidades especiais, pois muitos deles continuam sendo excluídos devido às suas diferenças.

Nesse sentido, é necessário construir novos paradigmas educacionais que perpassem todos os setores da escola, que vão desde a elaboração do Plano Político-Pedagógico a execução dos objetivos operacionais em sala de aula.

A Lei nº 7.853/89 enfatiza a obrigatoriedade da oferta da educação especial em estabelecimentos públicos e definiu como crime o ato de “recusar, suspender, cancelar ou fazer cessar, sem justa causa, a inscrição de alunos em estabelecimentos de ensino de qualquer curso ou grau público ou privado, por motivos derivados de deficiência que parta” (BRASIL, 1989).

No contexto das reformas relacionadas à educação básica, foram publicadas as diretrizes para a educação especial em âmbito nacional (Resolução CNE/CEB nº 02/2001), definindo que o atendimento aos alunos com necessidades especiais “deve ser realizado em classes comuns do ensino regular, em qualquer etapa ou modalidade da Educação Básica” (BRASIL, 2001).

As escolas podem criar “extraordinariamente” classes especiais com organização fundamentada nas diretrizes curriculares para a educação básica. Prevê também o atendimento, “em caráter extraordinário”, em escolas especiais públicas ou privadas quando não houver a demanda de adaptações curriculares tão significativas que a escola comum não consiga prever. O conjunto dos educandos com necessidades especiais compreende àqueles alunos que apresentam “dificuldades acentuadas de aprendizagem ou limitações no processo de desenvolvimento [...] não vinculadas a uma causa orgânica específica ou relacionada a condições, disfunções, limitações ou deficiências, altas habilidades e superdotação”.

Sobre a Declaração de Salamanca:

todas as crianças, de ambos os sexos, têm direito fundamental à educação e que a elas deve ser dado à oportunidade de obter-se e manter um nível aceitável de conhecimentos;
cada criança tem características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagens que são próprios;
os sistemas educativos devem ser projetados e os programas aplicados de modo que tenham em vista toda a gama dessas diferentes características e necessidades;
as escolas comuns, com essa orientação integradora, representam o meio mais eficaz de combater atitudes discriminatórias, de criar comunidades

acolhedoras, construir uma sociedade integradora e dar educação para todos, além disso, proporcionam uma educação efetiva à maioria das crianças e melhoram a eficiência e, certamente, a relação custo-benefício de todo o sistema educativo (BRASIL, 1994, p. 9 -10).

A Declaração de Salamanca leva a refletir que a escola deve oferecer educação de qualidade a todos os cidadãos, sem qualquer forma de discriminação. Os alunos têm direitos iguais, independente de suas características, interesses e necessidades individuais. Para que isso aconteça, é preciso construir uma educação de qualidade que inclua todos os alunos.

Construir qualidade nas escolas significa assegurar que o processo de escolarização seja efetivo, através do ingresso, permanência e sucesso dos educandos.

Educar na diversidade significa ensinar em um contexto educacional, no qual as diferenças individuais são aproveitadas para enriquecer e flexibilizar o conteúdo curricular oferecido no processo ensino-aprendizagem.

O sujeito da pesquisa é uma aluna que está matriculada na 3ª série do Ensino Fundamental, de uma Escola Estadual do município de São Borja – RS, a qual denominou-se Lupita, visando preservar sua identidade.

A fundamentação teórica desta pesquisa baseia-se em Vygotsky (apud REGO, 1995), que a partir da perspectiva sócio-histórica dá enorme importância ao papel da interação social no desenvolvimento e a aprendizagem do ser humano, e Winnicott (1975) que aborda a importância das relações familiares.

A pesquisa baseia-se em um estudo de caso com coletas de dados, entrevista com a mãe e professores de Lupita.

Contribuindo para abordar esta temática o estudo de caso aqui representado aponta estreito vínculo com os conflitos familiares e suas relações com as dificuldades de aprendizagem. A análise centra-se sob dois aspectos, o histórico familiar e escolar. O foco da análise é colocado nas relações do sujeito com os meios familiar X escolar; com ênfase nas relações familiares por ser uma das principais causas das dificuldades de aprendizagem de Lupita.

Strick e Smith (2001, p. 31) enfatizam o ambiente doméstico como preponderante em determinar a qualidade da aprendizagem da criança. As crianças que recebem estímulos carinhosos, no início de suas descobertas, tendem a ter atitudes positivas, tanto para aprender como para sua auto-estima. Essas crianças conseguem superar suas dificuldades, mesmo que sejam muito comprometedoras.

1 DEFINIÇÃO DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Conforme a abordagem sócio-interacionista de Vygotsky que enfatiza a aprendizagem não como inata, mas fruto das relações culturais; ou seja, que o homem está em constante aprendizagem. A partir do nascimento, o bebê está sempre sendo influenciado pelos adultos que lhes garantem a sobrevivência e são seus intermediários com o mundo. Como são os mais experientes do seu grupo, os adultos procuram influenciar as crianças com a sua cultura, dando-lhes significado aos costumes e aos objetivos culturais que se formam ao longo da história.

Para Vygotsky (apud REGO, 1995, p. 58):

Essas características são exclusivas do homem, é impossível considerar o desenvolvimento do indivíduo como um processo previsível, universal, linear ou gradual. O desenvolvimento está intimamente relacionado ao contexto sócio-cultural em que a pessoa se insere e se processa de forma dinâmica (e dialética), através de rupturas e desequilíbrios provocadores de contínuas reorganizações, por parte do indivíduo.

Dessa forma, ser humano é um sujeito que transforma e é transformado pelo mundo em que vive, seu desenvolvimento é fruto das experiências com o meio, sobretudo, pela interação social. Desenvolver uma prática educativa que contemple as necessidades dos alunos requer do professor conhecimento e reflexão; por isso é fundamental o aprofundamento teórico sobre as dificuldades de aprendizagem. Observa-se que há concordância de opiniões entre os pesquisadores de que é preciso investigar os motivos que levam uma criança a não aprender. Entretanto, há divergências quando começam a discutir as causas e a relevância de um fator sobre o outro. Portanto, torna-se um desafio definir o indivíduo com dificuldade de aprendizagem, uma vez que existe uma multiplicidade de dados, conceitos, teorias, modelos e hipóteses sobre o assunto.

É necessário destacar que as grandes definições formuladas ao longo dos anos refletiram terminologias com ênfase nos fatores médicos. Somente mais tarde, é que essas definições foram substituídas por preocupações relacionadas com variáveis psicológicas e educativas. A primeira definição das dificuldades de aprendizagens surgiu em 1962, com Kirk:

Uma dificuldade de aprendizagem refere-se a um atraso, desordem ou atraso no desenvolvimento de um ou mais processos da fala, linguagem, escrita, aritmética ou outras áreas escolares, resultante de uma desvantagem causada por uma disfunção cerebral e ou distúrbios emocionais e ou comportamentais. Não é resultado de deficiência mental, privação sensorial ou fatores culturais e instrucionais (KIRK apud PERETTI; BELLÓ, 2006, p. 240).

Essas definições de Kirk continuam a passar para outros autores. Também existem várias definições diferentes que são históricas e são muito importantes até os dias de hoje para pesquisar sobre esse tema.

Fonseca (1995, p. 71) cita: a definição que atualmente reúne internacionalmente o maior consenso:

Dificuldade de Aprendizagem – DA é um termo geral que se refere a um grupo heterogêneo de desordens manifestadas por dificuldades significativas na aquisição e utilização de compreensão auditiva, da fala da leitura da escrita do raciocínio matemático. Tais desordens consideradas intrínsecas ao indivíduo, presumidamente que sejam devidas à uma disfunção do sistema nervoso central, podem ocorrer durante toda a vida. Problemas na auto-regulação do comportamento, e na percepção social e na interação social podem existir as DA. Apesar das DAs ocorrerem com outras deficiências (por exemplo, deficiência sensorial, deficiência mental, distúrbios sócio-emocionais) ou com influências extrínsecas (por exemplo, diferenças culturais, insuficiente ou inapropriada instrução, etc...), elas não resultam dessas condições.

Para que se possa entender melhor a aluna em questão neste estudo, com o objetivo de conhecer as causas de seu baixo desempenho escolar, faz-se necessário a investigação de outros autores que tratem dessa problemática.

De acordo com Bassol; Santis; Sukiennik et all (2004) há uma abordagem multidisciplinar. As Dificuldades de Aprendizagem podem ser enfocadas sob duas categorias de problemas: OS NATURAIS (ou de percurso) e os problemas secundários a outras patologias.

Esta pesquisa considera ser oportuno, a análise das “dificuldades naturais” de (percurso) por referir-se que:

Em qualquer sala de aula têm alunos que por diferentes motivos não acompanham seus pares, independentemente do nível de complexidade dos conteúdos ou na metodologia utilizada naquele contexto específico. Os fatores causadores dessas dificuldades podem ser relacionados a diversos aspectos evolutivos ou serem decorrentes de inadequadas metodologias, de padrões de exigência da escola, de falta de assiduidade do aluno e de conflitos familiares eventuais. Frequentemente é suficiente um trabalho pedagógico complementar para uma solução satisfatória dessas dificuldades conforme Bassol; Santis; Sukiennik et al (2004).

2 HISTÓRICO FAMILIAR E ESCOLAR DE LUPITA

Lupita é brasileira, nasceu em São Borja, RS no dia 21 de maio de 1996. É filha de um comerciante e de uma empregada doméstica. Nas entrevistas realizadas com a mãe, obtiveram-se detalhes significativos à essa pesquisa, pois ela relatou o seu contexto familiar como um ambiente conflituoso. O relacionamento do casal não era tranqüilo, porque o pai era alcoólatra e sempre que bebia tornava-se agressivo.

Para Winnicott (1971), uma criança é realmente sensível às relações entre seus pais e se tudo correr bem entre as paredes do lar, a criança é a primeira a mostrar seu apreço por encontrar a vida mais fácil, mostrando-se mais contente e mais dócil de conduzir [...].

Segundo a mãe, a menina nasceu e os problemas agravaram-se, pois residiam no terreno da sogra e não tinham muita privacidade e também o bebê era rejeitado pela vó. Relatou que o pai não era atencioso com sua filha, não lhe dava afeto o que a tornou muito carente. A carência afetiva paterna trouxe uma insegurança, tornando-a uma pessoa desmotivada, refletindo no seu desempenho escolar e conseqüentemente, ocasionando a sua reprovação por duas vezes.

Para Winnicott (1971, p. 234):

O pai é necessário para dar o apoio moral à mãe, ser um esteio para a sua autoridade, um ser humano que sustenta a lei e a ordem que a mãe implanta na criança. Ele não precisa estar presente a todo o tempo para cumprir essa missão, mas tem que aparecer com bastante freqüência para que a criança sinta que o pai é um ser vivo e real [...] A criança precisa do pai por causa das suas qualidades positivas e das coisas que o distinguem dos outros homens, bem como da vivacidade que se reveste a sua personalidade.

Com base em neste autor, é na família que a criança encontra segurança social, através do relacionamento equilibrado entre seus pais, os filhos encontram bases sólidas para formar sua personalidade.

Devido à importância do contexto familiar no aprendizado da criança, relata-se mais um recorte da fala da mãe. Seu casamento passou por várias crises, levando a separação. Essas separações deram-se quando Lupita tinha entre sete e oito anos de idade. Quando seu pai foi embora para outra cidade, Lupita ficou muito nervosa não recebeu assistência de um adulto em suas necessidades, pois ficava em companhia de outras crianças.

No olhar da mãe, essa situação prejudicou o desenvolvimento escolar. O outro fator determinante nas dificuldades, foi a ausência da figura paterna, que a deixou sem estímulos para os estudos e levando-a a reprovação na 1ª e 2ª séries.

Fonseca (1995) indica que os fatores psicoemocionais mais relacionados com fraco potencial de aprendizagem têm sido resultantes dos produtos dos fatores neurobiológicos e socioculturais. Os psicanalistas, os psiquiatras e os psicólogos clínicos convergem na importância da parte integrativa da personalidade (ego). A ansiedade, a fantasia, a confusão, o medo e o desinteresse agravam a situação da criança com as dificuldades de aprendizagem.

Ao perguntar sobre o auxílio recebido na família frente a essas dificuldades, a mãe disse que se sentia culpada por não ter ajudado a filha. Explicou que tinha que “dar conta de tudo”, pois como estavam separados, conseqüentemente, não sobrou tempo para auxiliar sua filha em casa.

O papel da mãe é de fundamental importância para o desenvolvimento da personalidade da criança, pois, ‘mães deprimidas, abandonadas, frustradas e ansiosas ou que abandonam as crianças, a si próprias muitas, vezes por razões sociais e de emprego, podem afetar a formação do ego’ (FONSECA, 1987, p.138).

Durante a entrevista (ficha de avaliação – anexo) e no relato que fez sobre sua família, a mãe estava um pouco receosa. Notou-se que essa senhora é uma pessoa preocupada com relação ao futuro da filha, e no seu entender, as influências das famílias deixam-na confusa e muito insegura; posto que, cada uma tem um jeito diferente de viver.

Atualmente, Lupita mora com sua mãe, na casa dos tios. Essa família é composta pelo casal de tios e dois primos, onde todos compartilham da mesma casa. Após terem se mudado de forma definitiva, sua filha tem apresentado significativos progressos em seu desenvolvimento. Ela disse também, que Lupita é bem aceita pelos tios. A menina vê o tio como se fosse seu pai, pois este é muito dedicado à sobrinha. Por ser filha única, o convívio com sua prima tem lhe ajudado a crescer, pois elas brincam, conversam e vão juntas à escola.

Ao perguntar sobre as expectativas com relação ao futuro escolar, a mãe disse: “mesmo tendo estudado pouco, poderia ajudá-la mais; entretanto, pelo pouco tempo que tem fica impossibilitada de dar a atenção que a menina precisa”. Disse também que mesmo levando uma vida muito simples, gostaria de ver sua filha

estudando para um dia ter uma profissão e viver melhor. Lamentou os dois anos de separação, por não ter ajudado a filha devido aos problemas que estava enfrentando com o marido. Comentou ainda que a escola fez sua parte, mas que Lupita também deveria se esforçar mais nos estudos.

Vygotsky (apud REGO, 1995, p. 99) propõe significativas transformações na maneira de compreender e praticar o ensino:

Não desconsidera os conceitos biológicos do ser humano, porém prioriza a dimensão social, por fornecer instrumentos e símbolos, que conciliam o relacionamento do indivíduo com o mundo e que acabam por dar também seus mecanismos psicológicos e formas de agir nesse mundo. Portanto, o crescimento global do ser humano depende do aprendizado que fizer num dado grupo cultural a partir da integração com os outros indivíduos da sua espécie. Então, 'o aprendizado pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que o cercam'.

Nesse sentido, as relações entre o desenvolvimento e a aprendizagem ocupam lugar de destaque. Para o teórico acima, embora a criança inicie o seu aprendizado antes de ir a escola, o aprendizado escolar enriquece o seu desenvolvimento.

Matriculada em 31 de outubro de 2002, em uma Escola Estadual para cursar o pré-escolar, percebeu-se que a menina era uma criança saudável, porém nervosa quando contrariada. Tinha costume de roer as unhas e jogar-se no chão diante de visitas ou pessoas estranhas ao seu círculo familiar.

No parecer descritivo do 1º trimestre, a aluna teve algumas dificuldades de relacionamento com os colegas e problemas em manter a atenção. Porém, realizava as tarefas com boa coordenação, percepção, comunicando-se bem no grupo. No 2º trimestre, apresentou dificuldades na concentração, pois era muito ativa, mas, no decorrer do percurso melhorou o convívio com os colegas. Ao final do ano letivo, foi aprovada, embora tenha atingido em parte os objetivos propostos para a série. Na época, foi solicitado o constante acompanhamento dos pais, como apoiadores e incentivadores da vida escolar que estava começando.

Erikson (apud STRICK; SMITH, 2001), reporta-se sobre os primeiros estágios da vida do ser humano, onde diz que se a criança receber os cuidados e a proteção necessários, o olhar, a atenção, o carinho e o amor que precisa, tenderá a desenvolver um sentimento de confiança em si, nos outros e no mundo. Se, ao

contrário, essas necessidades não forem atendidas, desenvolverá uma atitude de desconfiança.

Entende-se que as fases do desenvolvimento infantil vividas de forma segura farão com que a criança sinta-se capaz de realizar de forma eficaz suas aprendizagens. No entanto, para que isso aconteça, é preciso receber dos pais ou cuidadores, compreensão, aceitação da sua procura por atenção, amor e carinho; pois se contrariamente forem excessivamente controladores e exigentes, as crianças podem tornarem-se culpadas e reprimidas. Ter pais que encorajem seu senso de competência e domínio, dando-lhes responsabilidade e oportunidade para usarem suas habilidades e conhecimentos durante os anos escolares, fazem as crianças desenvolverem suas capacidades para o trabalho produtivo e cooperativo com o grupo, descobrindo um senso de orgulho e prazer por fazerem bem as suas tarefas.

A criança que entra na escola com auto-estima fortemente positiva abordará as tarefas da escola com uma atitude e motivação diferentes. Essa percepção mais positiva, provavelmente leve a um esforço maior e com mais sucesso, o que reforçará de forma relevante sua auto-estima.

No ano de 2003, ingressou na 1ª série. Na pesquisa documental realizada na secretaria da escola, na pasta da aluna, encontrou-se o resultado de que foi reprovada.

Na entrevista com a professora que lecionou nesse ano, ela relatou que a aluna chegou na 1ª série, necessitando de um trabalho para intensificar algumas áreas que não venceu na pré-escola, as quais eram indispensáveis à alfabetização. A professora disse também que a menina não conseguiu aquisição da leitura e da escrita. Tinha dificuldades para escrever, por isso, não copiava e não realizava as atividades propostas. Outros fatores citados pela docente foram: a falta de concentração e dificuldades para se relacionar bem com os colegas; por esses motivos a mãe de Lupita era chamada seguidamente na escola, justificando que as dificuldades de sua filha, eram devido aos problemas familiares que enfrentavam.

Strik e Smitt (2001) afirmam ainda que o estresse emocional também compromete a capacidade de aprendizado e é crescente o número de crianças que não estão aptas para a aprendizagem. Muitas vezes, suas vidas são dominadas pelos conflitos familiares em (casa) ou na vizinhança, a ansiedade em relação à mudança de residência, dinheiro ou doenças, com o passar do tempo, podem

desgastar a disposição dessas crianças para confiarem e serem receptivas às novas situações, que são imprescindíveis para o sucesso na escola.

De acordo com essas definições, a dificuldade escolar pode ter sido o reflexo das dificuldades enfrentadas no seu ambiente familiar.

Fonseca (1995, p. 356):

O professor deve ter uma noção do desenvolvimento da criança, não só no que diz respeito à psicomotricidade (coordenação global, fina e óculo-manual, esquema corporal, lateralidade, estrutura espacial, estruturação temporal, discriminação visual e auditiva), como no que se refere à linguagem falada (discriminação, identificação, complemento, seqüencialização auditiva, funções receptivas e vocabulário, estrutura gramatical, memorização, formulação e articulação – funções expressivas).

Conforme o autor acima citado, antes de iniciar o processo de aprendizagem da linguagem escrita, a criança deve ter uma diferenciada experiência multissensorial, pois nela desenvolve as integridades e as associações visomotoras, por um lado e as áudios-verbais por outro. Associações essas, que se passam no sistema nervoso e que são necessárias às aprendizagens escolares fundamentais. Considerando-se tal idéia, cabe aos educadores desenvolver práticas pedagógicas voltadas às necessidades dos alunos, que lhes oportunizem situações e experiências diferenciadas de aprendizagem.

Para Vygotsky (apud REGO, 1995, p. 60):

o desenvolvimento das funções psíquicas da criança está a todo o momento ligado com a aprendizagem, isto é, com a apropriação do conhecimento produzido pela humanidade e as relações que estabelece com o meio social. Essa apropriação do saber produzido ocorre pela interação social com adultos e companheiros mais experientes.

No caso da aluna que apresentou dificuldades para se alfabetizar; é necessário romper com os velhos modelos de alfabetização buscando assim, novas possibilidades que desencadeiem o desejo de aprender, portanto, precisa-se investir no aluno, a partir de novos métodos e técnicas de alfabetização.

Para o teórico sócio-interacionista, o desenvolvimento e a aprendizagem estão unidos, constituem uma unidade, sendo inseparável o desenvolvimento da aprendizagem. Quando a aprendizagem é significativa, estimula e desencadeia o avanço do

desenvolvimento para um nível mais complexo, que servirá de base para novas aprendizagens.

Diante das concepções desse autor, retoma-se o caso em estudo. Lupita foi reprovada na 1ª série por falta de aquisição da leitura e da escrita, o que leva a retomada sobre a importância das idéias de Vygotsky para a alfabetização.

Na perspectiva sociointeracionista da linguagem, o trabalho de alfabetização não se reduz a uma tarefa mecânica de simples reconhecimento de letras e muito menos na tarefa de codificação e decodificação, como se constata ao longo da história da educação que se reduziu ao trabalho de levar a criança ao “domínio do sistema gráfico, isto é, a linguagem era vista como um código ou como uma habilidade que pudesse ser treinada” (VYGOTSKY apud REGO, 1995, p. 60).

Para o referido autor, à alfabetização é um processo educativo e por este motivo, a apropriação da língua escrita que envolve a linguagem está inserida em sua dimensão histórica e social. É através da linguagem que o pensamento e a consciência se revelam e se organizam, pois ela é uma ação complexa, que propicia operações mentais e abstrações, posto que, possui dentro de si uma realidade simbólica.

A aquisição da linguagem, tanto a falada quanto a escrita, se constitui em uma forma de poder. Aponta-se o importante papel da escola, como entidade que pode garantir o exercício desse poder a todas as pessoas, pois todas devem ter esse direito, e é função da escola garantir. Portanto, entende-se que através das interações mútuas, entre alunos e professores criam-se relações sócio-afetivas, indispensáveis ao desenvolvimento de habilidades cognitivas, que ajudam a efetivar a alfabetização.

Em 2004, foi encaminhada para uma avaliação psicológica, pois mesmo que estivesse repetindo a 1ª série continuava apresentando dificuldades para aprender. Após a avaliação realizada nas áreas do desenvolvimento, o diagnóstico dado pela psicóloga foi o seguinte: Na área psicomotora havia defasagem na coordenação dinâmica geral, equilíbrio e estrutura espaço temporal; no desenvolvimento da fala e da linguagem, precisava melhorar a linguagem expressiva. O desenvolvimento afetivo social não foi avaliado.

O diagnóstico foi realizado com bastante atraso, somente em 1º de junho de 2004, o que dificultou em parte um melhor atendimento da professora. Depois de quatro meses de espera pelo resultado, a professora começou a intensificar de

forma mais específica às atividades direcionadas a cada área em atraso. De acordo com a professora, esse trabalho ajudou na aprovação para a 2ª série.

Segundo Vygotsky (apud REGO, 1995), o bom ensino é o que se adianta ao desenvolvimento, pois um trabalho pedagógico qualificado está na capacidade de promoção de avanços no desenvolvimento do aluno. Pode-se encontrar esse embasamento no conceito de zona de desenvolvimento proximal, que explica o “espaço” entre aquilo que a criança já sabe e que é capaz de fazer sozinha, e aquelas habilidades que têm competência para realizar somente com a ajuda de outras pessoas mais experientes.

Constata-se também essa preocupação nos professores da pré-escola, quando priorizam atividades nas quais a criança tenha prontidão e habilidades em algumas áreas (tais como discriminação audio-viso-motora, noções de lateralidade e orientação espacial), com a finalidade da aquisição da língua escrita.

Segundo a teoria histórico-cultural de Vygotsky (apud REGO, 1995), isto é uma contradição, já que a aprendizagem impulsiona o desenvolvimento, ou seja, só amadurecerá se aprender. Sendo assim, a criança só aprenderá a ler e a escrever, se lhe for oferecida adequada oportunidade para se alfabetizar, se receber informações sobre esse objeto do conhecimento e se associar a situações de planejamento de leitura e escrita. Não há necessidade de esperar que primeiro o indivíduo se desenvolva, para depois lhe oportunizar a aprendizagem.

Ao referir-se àquelas atividades ou tarefas que a criança já sabe fazer de maneira independente, como cortar com a tesoura ou resolver atividades matemáticas, trata-se de um nível de desenvolvimento já efetivado, isto é, um olhar às aprendizagens anteriores. A aluna foi avaliada somente neste nível, supor-se que somente aquilo que ela foi capaz de fazer sem ajuda de outros, é que foi significativo no seu desenvolvimento. No nível de desenvolvimento potencial, a criança também é capaz de fazer, porém, com o auxílio de outras pessoas mais experientes. A partir do diálogo, da observação, da imitação, da experiência compartilhada, a criança será capaz de realizar tarefas ou solucionar problemas que sozinha não conseguirá.

Vygotsky (apud REGO, 1995) afirma que este nível é bem mais indicativo de seu desenvolvimento mental, do que aquilo que ela consegue fazer sozinha. Desse modo, um diagnóstico do desenvolvimento do aluno, só será válido, se considerar tanto o nível de desenvolvimento real, quanto o potencial. Com essa afirmação, fica contraditória tanto a formulação da equiparação entre o nível evolutivo e a

aprendizagem, como de que somente é indicativo da capacidade mental, aquilo que a criança pode fazer sozinha.

Em 2005, após ter cursado a 2ª série, novamente foi reprovada. Conforme o relato de uma das professoras que lhe atendeu, apresentava muitas dificuldades na leitura e interpretação de textos, resolução de problemas matemáticos com as quatro operações, escrevia de forma lenta com algumas trocas de letras, ainda sendo muito distraída durante as atividades.

Em 2006, após cursar novamente a 2ª série, foi aprovada para a 3ª série. Já em 2007, pode-se acompanhar o desempenho de Lupita e aula e perceber sua dificuldade de aprendizagem. Nos primeiros dias, observou-se sua lentidão ao copiar as atividades, estando sempre atrasada para escrever e organizar o seu caderno.

Observou-se também, que com freqüência, tinha dificuldades para manter a atenção em qualquer atividade, ficando com o pensamento “distante”, parecendo não escutar quando lhe dirigiam a palavra; não seguindo as instruções e não concluindo suas tarefas escolares e os temas de casa. Também tinha dificuldades para interpretar o que lia, principalmente na compreensão de textos e problemas matemáticos. Apresentava dificuldades nos cálculos e demais atividades que envolvessem a memória e o pensamento.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Ao analisar o histórico escolar e o contexto familiar, cita-se algumas definições que se julgou pertinentes nesta pesquisa; dentre elas, retoma-se Bassol; Santis; Sukiennik et all (2004), por apontar que: em qualquer sala de aula, há alunos que por diferentes motivos não acompanham seus pares [...]. O estudo de caso mostra que a menina teve dificuldades de aprendizagem desde o início de sua escolarização. Conforme os dados coletados ela repetiu a 1ª serie por não ter aprendido a ler e escrever.

Para Vygostky (apud REGO, 1995) o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem é uma experiência sociocultural, que se dá de forma gradual e com ajuda do adulto. Os signos e as palavras constituem para as crianças um meio de contato social; isto é, impulsionado pelo desejo de comunicação. Segundo esse autor, o domínio da escrita propicia ao indivíduo diferentes formas de acesso à

cultura. Enfim, promove modos diferentes e mais abstratos de pensar, de se relacionar com o outro, produzindo assim, o conhecimento. Nesse sentido, Vygotsky (apud REGO, 1995) critica as formas pedagógicas de ensinar o aprendizado da escrita como treino motor: Ensina-se as crianças a desenhar letras e construir palavras com elas, mas não se ensina a linguagem escrita. Enfatiza-se de tal forma a mecânica do ler o que está escrito, que se acaba obscurecendo a linguagem escrita como tal.

No ensino escolar, cabe aos educadores entender o caminho que a criança percorre para ler e escrever, antes de começar o ensino sistemático da leitura e da escrita. A falta de atenção apresentada, tem sido uma das constantes características de seu desempenho em sala de aula; fator que vem contribuindo para aumentar suas dificuldades. Com o auxílio de signos (objetos, forma, gesto, figura ou som), o homem pode controlar, voluntariamente, sua atividade psicológica e ampliar sua capacidade de atenção, memória e o acúmulo de informações. O referido autor afirma que “a verdadeira essência da memória humana, está no fato de os seres humanos serem capazes de lembrar ativamente com a ajuda dos signos” (apud REGO, 1995, p. 50-2).

Com essas reflexões, Vygotsky chama a atenção sobre a importância de planejar as aulas com o uso de material concreto (material de contagem, fitas, cartazes, jogos...) e demais objetos que possam levar os estudantes a realizar associações, manipulações e comparações que lhes ajudem nos primeiros estágios do desenvolvimento cognitivo.

Essas considerações também fazem sentido frente às dificuldades evidenciadas na área da matemática. De acordo com esse autor, a internalização dos sistemas de signo (a linguagem, a escrita, o sistema de números), produzidos culturalmente provoca mudanças decisivas no comportamento humano. Por isso, afirma que os processos de funcionamento mental do homem são fornecidos pela cultura, através da mediação simbólica.

Em decorrência de suas dificuldades de aprendizagem na 1ª série, a avaliação foi realizada em algumas áreas de seu desenvolvimento, na ótica vygotskyana, pode-se refletir que cabe aos educadores, valorizar a zona de desenvolvimento proximal, não para rotular as crianças perante aquilo que elas não sabem fazer sem a presença do adulto; mas usar esse conceito como uma

ferramenta que ajude a entender o desenvolvimento individual da pessoa, bem como aquelas capacidades que estarão maduras num futuro próximo.

No campo educacional, isso possibilita também um planejamento adequado que auxilie o desempenho estudantil, desencadeando sob esse enfoque a aprendizagem como uma etapa ao desenvolvimento. Portanto, nessa concepção, o ensino escolar orienta e estimula o processo. Tanto as disciplinas quanto os conteúdos trabalhados na escola devem estar em consonância com as etapas posteriores do desenvolvimento psicointelectual geral da criança.

Strick e Smith (2001) afirmam que a rigidez na sala de aula para as crianças com dificuldades de aprendizagem é fatal. Para o progresso desses estudantes, é preciso encorajá-lo a trabalhar no seu ritmo. Se forem colocados com um professor inflexível ou que use uma prática pedagógica que não atinja seu aluno; esta aluna com dificuldade de aprendizagem poderá não ter sucesso.

Para Fonseca (1995) as dificuldades de aprendizagem aumentam na presença de escolas superlotadas e mal equipadas, carentes de material didáticos inovadores. Para estes contextos educacionais, são necessários mais investimentos públicos em prol de uma melhor qualidade na educação.

Vygotsky (apud REGO, 1995) aponta as relações entre as dimensões intelectuais e afetivas na constituição do ser humano. Para ele, são os desejos, necessidades, emoções, motivações, interesses, impulsos e inclinações do indivíduo que originam o pensamento e este influencia o aspecto afetivo-volitivo.

No ser humano, cognição e afeto não se dissociam, mas se inter-relacionam e exercem influências recíprocas no decorrer do desenvolvimento do indivíduo, sendo impossível compreendê-las separadamente. Portanto, a fim de entender as dificuldades de aprendizagem, é necessário compreender como seu ambiente familiar pode estar afetando o desenvolvimento intelectual e seu potencial para a aprendizagem. Ao relatar seu contexto familiar como um ambiente conflituoso, a mãe remete a pensar que as dificuldades escolares da menina são em consequência dos desajustes familiares vividos nos primeiros anos escolares.

De acordo com Winnicott (1975), a criança é realmente sensível à relação entre seus pais [...] e o fato de o pai negligenciar a atenção, o afeto, condições materiais, apoio a sua mãe, bem como todo o suporte de que uma família precisa, ele limitou o potencial de aprendizagem cognitiva de sua filha.

Como a família nuclear está cada vez mais rara, surgem novas estruturas de relacionamento entre seus membros, fazendo com que muitas vezes deixem de cumprir com seu papel na educação dos filhos. Pode-se dizer que as crianças e adolescentes sempre vão precisar de estruturas sólidas para se desenvolver. Portanto, a escola precisará abraçar um novo desafio; o de ajudar os alunos na formação integral de sua personalidade!

Neste caso, em que não houve uma rica experiência familiar, há uma grande probabilidade que suas dificuldades escolares tenham se originado pelos conflitos vividos no ambiente familiar. Sabe-se, que quanto mais cedo a criança for auxiliada, maior a possibilidade de se desenvolver de forma satisfatória, progredindo em sua autoconfiança e desenvolvendo sentimentos de segurança.

Concorda-se com Winnicott (1975) quando ele afirma que em qualquer grupo de crianças, existe àquelas que seus lares são satisfatórios. Estas usam seus lares para o desenvolvimento emocional. Suas comparações mais significativas realizam-se no lar, estando os seus pais aptos e dispostos a assumir a responsabilidade. Nesse caso, elas vão para a escola para aprender e enriquecer suas vidas.

Em contraste, as crianças cujos lares são insatisfatórios, vão para a escola em busca daquilo que foi negligenciado por seus lares. Estas procuram, na escola, uma situação emocional, um grupo para fazer parte, um grupo que possa ser experimentado por sua capacidade de enfrentar a agressão e tolerar as idéias agressivas.

Ainda nas concepções deste autor, as crianças com privações familiares têm necessidade de uma vida escolar com adequadas possibilidades, como pessoal docente qualificado, refeições regulares, recreação dirigida, orientação em seus hábitos higiênicos e comportamentais, que se façam necessários à diversidade de cada educando.

Outro aspecto que Winnicott (1975) considera relevante é o número de alunos por sala de aula. Se houver um grande número de crianças ao cuidado de um só professor, como poderá cada criança ser conhecida pessoalmente e como atendê-la diariamente em suas necessidades individuais?

Com a experiência que se tem em sala de aula, vivencia-se, diariamente, essa realidade; o que dificulta o atendimento individual aos alunos, impedindo assim, um melhor desempenho por parte do professor. Se a criança busca na escola aquilo

que não encontra em casa, como a escola vai fazer para dar conta daquilo que também lhe é privado?

Lupita é uma criança que talvez venha para a escola com essas expectativas, pois somente enquanto sua família está desprovida de tranqüilidade, afetividade e demais recursos que lhe assegurem um ambiente propício a sua formação, cabe à escola assegurar-lhe o mínimo necessário ao seu desenvolvimento.

Atualmente, Lupita continua aprendendo de forma lenta e com pouca motivação para realizar as atividades. Sobre esses aspectos, Strick e Smith (2001): indicam que as crianças com dificuldades de aprendizagem que têm famílias envolvidas e incentivadoras tornam-se confiantes em si mesmas, competentes e bem sucedidas.

Ao contrário, as crianças que foram privadas de um ambiente estimulador nos primeiros anos enfrentam muitos obstáculos desanimadores, mesmo quando não apresentam deficiências. Elas têm poucas habilidades cognitivas.

O desenvolvimento social de Lupita está melhorando, visto que era agressivo com os colegas, porém precisa ampliar seus relacionamentos.

De acordo com as mesmas autoras, as crianças com privações familiares também têm poucas habilidades sociais e tendem a comunicar-se mal, podem mostrarem-se pouco curiosas e ter falta de interesse em aprender e não possuem autoconfiança.

Portanto, ao investigar-se o histórico familiar e ao defrontá-lo com o referencial teórico, torna-se claro que suas dificuldades de aprendizagem são decorrentes da problemática familiar, tendo reflexos no contexto escolar.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Contribuindo para abordar essa temática, realizou-se uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso com uma aluna da 3ª série do Ensino Fundamental que apresenta Dificuldades de Aprendizagem, a qual denominou-se de Lupita, visando preservar a sua identidade.

O estudo foi realizado através da investigação do histórico escolar e do contexto familiar de Lupita. O objetivo central da coleta de dados no contexto escolar como pesquisa documental foi de verificar o desempenho acadêmico dessa aluna.

Realizou-se também entrevistas com professores que atenderam Lupita nos primeiros anos escolares, as quais apontaram muitas dificuldades de aprendizagem com enfoque nos conflitos vividos no contexto familiar. A partir das entrevistas realizadas com a mãe, buscou-se conhecer a sua realidade familiar, a fim de constatar se este contexto contribui para o surgimento de dificuldades cognitivas na escola. Percebeu-se também, na família em que estava inserida, um ambiente desfavorável para a sua aprendizagem, por todos os fatores apresentados.

Ao analisar todos os dados, pode-se dizer que é na família que a criança deve encontrar um ambiente estimulador e organizado, favorecendo assim a formação de sua personalidade e o desenvolvendo de suas potencialidades.

Num envolvimento sócio-familiar adequado e qualitativamente estimulado, a criança desenvolve as aptidões que terão um papel imprescindível na aprendizagem.

No caso em questão, que teve um envolvimento sócio-familiar inadequado, com pouca estimulação e sem interação saudável em sua família, Lupita não atingiu ainda a maturação para superar as suas dificuldades de aprendizagem.

O trabalho investigativo deu-se em uma Escola Estadual da periferia de São Borja, no Estado do Rio Grande do Sul. Com o presente artigo, buscou-se investigar o contexto familiar, a fim de entender se este influencia no processo de aprendizagem da menina, bem como, aprofundar os conhecimentos para saber mediá-los no âmbito escolar, visando consolidar a aprendizagem de todos os alunos, tornando o ambiente inclusivo.

Para atingir esses objetivos, analisou-se o contexto escolar e familiar, tendo como enfoque os conflitos familiares vividos por Lupita.

Usaram-se como procedimentos para a coleta de dados: a observação participante na sala de aula, entrevista com a mãe e com as professoras que atenderam a menina nos anos anteriores, que segundo Gil (1999): Consiste no contato direto do pesquisador com o fenômeno observado, buscando identificar ações dos sujeitos em seu contexto natural.

Realizou-se pesquisa documental na Secretaria da Escola, os quais estão mais detalhados no decorrer do artigo.

A fundamentação teórica deste trabalho foi feita através de pesquisa bibliográfica. Lakatos e Marconi (2001) dizem que o fim principal da pesquisa bibliográfica é colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi

escrito sobre determinado assunto, com o objetivo de permitir ao pesquisador o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações.

Os dados levantados no embasamento teórico apresentaram reflexões, argumentações, interpretações, análise e conclusões de autores, a partir, deles, buscou-se uma correlação com a realidade do tema em estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, ao analisar o currículo escolar e familiar de Lupita, busca-se investigar o contexto familiar de um aluno com Dificuldades de Aprendizagem no Ensino Fundamental, a fim de entender se este influencia no processo de aprendizagem. Neste sentido, encontra-se em Vygotsky e Winnicott, os maiores suportes teóricos para o desenvolvimento e as considerações finais deste trabalho.

Vygotsky afirma que o indivíduo não nasce pronto e nem é cópia do meio externo. Em sua evolução intelectual há uma interação constante e ininterrupta entre processos internos e influência do meio social, portanto, as conclusões que se chegou são de que Lupita não é uma criança incapaz de aprender, porém, apresenta um ritmo lento em sua aprendizagem.

As referidas dificuldades evidenciaram-se desde a 1ª série, quando precisou de mais tempo para fazer aquisição formal da leitura e escrita, sendo reprovada. Posteriormente, repetiu a 2ª série por não ter vencido os objetivos mínimos para essa etapa de sua escolarização. Atualmente, está cursando a 3ª série e continua tendo dificuldades para aprender.

Ao defrontar os dados coletados nessa pesquisa, com os referenciais teóricos, entende-se que a expressão dificuldades de aprendizagem é muito complexa e abrangente, onde várias causas podem ser responsáveis por esses problemas. Essas causas apresentam, por sua vez, interferências de mais de um fator, seja ele somático ou psíquico. Dentre elas, pode-se citar causas: físicas, sensoriais, neurológicas, emocionais, intelectuais, educacionais e socioeconômicas.

[...] os fatores causadores dessas dificuldades podem ser relacionados a aspectos evolutivos ou serem decorrentes de inadequadas metodologias, de padrões de exigências da escola, de falta de assiduidade do aluno e de conflitos familiares eventuais [...] (BASSOL; SANTIS; SUKIENNIK et al, 2004, p. 101).

Considera-se que esses conceitos têm significados relevantes, ao finalizar o estudo de caso de Lupita, sua história de vida foi marcada pelos conflitos na família, os quais aponta-se como principal causa para as suas dificuldades de aprendizagem.

Vygotsky afirma que, a condição para que a criança aprenda passa por transformações essenciais que a tornem capaz de desenvolver estruturas humanas fundamentais, como as do pensamento e da linguagem, de forma que se apoiem na qualidade das interações sociais do seu grupo (família, escola, etc.).

Portanto, desde o início de sua escolarização, Lupita refletiu na sala de aula, o difícil contexto familiar. As maiores dificuldades escolares dessa menina ocorreram quando ela passava pelos maiores desajustes de sua família. A ausência do pai e o fato da mãe assumir a condução do lar e desempenhar os dois papéis, deixaram-na desamparada em suas necessidades infantis e escolares.

Nestes termos, reiteram-se as idéias de Vygotsky, que ao comparar o bebê humano com as outras espécies, considerou-o mais despreparado para lidar com o meio, dependendo dos sujeitos mais experientes do seu grupo para o atendimento de suas necessidades básicas (locomoção, abrigo, afeto, alimentação, etc.), o que em parte foi negligenciado pela família do nosso sujeito.

Reafirmam-se as conclusões com as afirmações de Winnicott sobre a importância da família, como preponderante nos primeiros estágios de vida do ser humano e em todo o seu desenvolvimento, porque o bebê é humanizado no colo da mãe e na proteção do pai. É no aconchego de um lar bem equilibrado, que a criança organiza sua estrutura psíquica, determinante para sua felicidade e estabilidade emocional, fatores indispensáveis à aprendizagem de qualquer pessoa.

O envolvimento dos pais com seus filhos em suas brincadeiras, a ênfase sobre a realização das tarefas escolares e o seu encorajamento, estão fortemente correlacionados ao desenvolvimento.

Embora a separação dos pais nem sempre seja necessariamente traumatizante para os filhos, muitas crianças precisam de tempo e atenção para se adaptar à nova vida. Por outro lado, têm a insegurança que se transforma em medo, ansiedade ou agressividade.

Independentemente de classe social, as crianças são as que mais sofrem com os rompimentos desfeitos entre os pais. A falta do pai ou da mãe, ou mesmo a mudança de residência e do padrão de vida, afetam muito suas vidas. Essas

interferências rapidamente podem atingir a auto-estima das crianças ou mesmo trazer-lhes angústias, provocando mudanças no seu comportamento.

As repercussões na escola podem se dar com diferente intensidade que variam do humor da criança, à interferência na sua aprendizagem. Como há crianças que superam com certa facilidade, há outras, que fragilizadas emocionalmente, podem somatizar de diferentes maneiras a dor e o sofrimento.

Nesta pesquisa, deixa-se claro que o contexto familiar de Lupita está provocando um sentimento de culpa, baixa estima, sentimento de estigma e conseqüentemente, as dificuldades em sua aprendizagem.

Para atender as graves dificuldades da família, que refletem na escola, na sala de aula, as dificuldades, tornam-se também, objetos do trabalho do professor. Uma escola inclusiva deve estar atenta em contemplar no seu Plano Político-Pedagógico, estratégias que vão além de ministrar conteúdos, mas também os valores que formam a personalidade do ser humano.

Encerra-se essa pesquisa com o intuito de colaborar com a Educação, lembrando que o professor não deve ser visto como o único agente responsável pela formação e informação dos alunos, porque as interações que as crianças estabelecem entre si, são de vital importância para os avanços do seu comportamento individual.

O professor deve ser o mediador das influências entre os alunos e destes com o conhecimento, portanto, cabe-lhe também a tarefa de intervir no desenvolvimento dos alunos, não para rotulá-los em suas limitações, mas desafiá-los através dos processos de aprendizagem do desenvolvimento infantil.

Como o professor é aquele que possui maior experiência cultural no âmbito da sala de aula, deve encorajar os alunos a atingir suas potencialidades, ajudá-los a acreditar em si, a sentir-se seguros, a valorizar-se como pessoa, a aceitar-se plenamente em todas as dimensões de sua vida.

Sem um professor atento às dificuldades dos alunos, que busque formação permanente, a criança não vencerá suas dificuldades de aprendizagem e o desajuste emocional, daí a importância das expectativas, do reforço positivo e de outros processos de modificação de comportamento.

Portanto, ratifica-se nesta pesquisa a importância da escola e da família proporcionarem uma atmosfera adequada ao desenvolvimento da criança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSOL, A. M. S.; SANTIS, M. F. B. de; SUKIENNIK, P. B. et al. **Saúde mental na escola 1: uma abordagem multidisciplinar**. 2.ed. Porto Alegre: Mediação, 2004.

BRASIL. **Declaração de Salamanca e linha de ação**. Sobre necessidades educativas especiais. 2.ed. Brasília: CORDE, 1994.

_____. **Lei nº 7853**. Brasília, Distrito Federal, 1989.

_____. **Resolução CNE/CEB nº 02**. Brasília, Distrito Federal, 2001.

BAUMEL, Roseli C. R. C. et col. **Integrar/Incluir: desafio para a escola atual**. São Paulo: FE – USP, 1998.

FONSECA, V. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

Idem. 1987.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1999.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 2001.

PAIN, Sara. Educar é ensinar a pensar. **Revista Nova Escola**. n. 70, p. 24. out. 1993.

PERETTI, Clélia; BELLÓ, Tânia Terezinha. **Sujeitos da aprendizagem, relação professor e aluno**. Curitiba, PR: Faculdade Educacional da Lapa – Normal Superior – Séries Iniciais do Ensino Fundamental – Educação à Distância, 2006.

REGO, Tereza Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

STRICK, C.; SMITH, L. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z: um guia completo para pais e educadores**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975. (Coleção Psicologia Psicanalítica).

_____. **A criança e o seu mundo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

ANEXO

FICHA DE AVALIAÇÃO

Data: ____/____/____ Nome: _____
Data de Nascimento: ____/____/____ Idade: _____ Sexo: _____

Escolaridade

Idade ingresso _____
Como reagiu _____
Queixa dos professores _____
Gosta de estudar _____ Dificuldades _____
Recebe ajuda no estudo _____ De quem _____
Série _____ Repetência _____

RELAÇÕES FAMILIARES

	QUEM MORA JUNTO	IDADE
1	_____	_____
2	_____	_____
3	_____	_____
4	_____	_____
5	_____	_____
6	_____	_____
7	_____	_____
8	_____	_____
9	_____	_____
10	_____	_____

Pais vivem juntos ou não _____

Brigam perto dos filhos _____

Grau de instrução

Mãe _____ Pai _____

Profissão

Mãe _____ Horário de trabalho _____
Pai _____ Horário de trabalho _____

Renda familiar _____

Moram em casa própria, alugada ou cedida _____